

Painel / Linha temática 11

Pós-colonialismos: relações coloniais, dominações e resistências



Mesa 11.2

"Media, Universidade, Hegemonias e Contra-hegemonias"

Investigador Convidado/Comentador

Bruno Sena Martins¹

Moderador

Maurício Hashizume²

Coordenação

Cristina Sá Valentim³

Contacto: cristina.valentim@gmail.com

Dia 6, 4ª Sessão

¹ Bruno Sena Martins é licenciado em Antropologia pela Universidade de Coimbra e Doutorando em Sociologia pela mesma instituição. Foi Research Fellow no Centre for Disability for Disability Studies (CDS) na Universidade de Leeds. No contexto do CES tem integrado a equipa de vários projectos de investigação que se dedicam a temas como Guerra Colonial portuguesa e a inclusão social das pessoas com deficiência. Coordenador Membro do Núcleo de Democracia, Cidadania e Direito (DECIDE). Coordenador executivo do Programa de Doutoramento "Human Rights in Contemporary Societies".

² Investigador júnior do Projeto ALICE - Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas (alice.ces.uc.pt), coordenado pelo professor Boaventura de Sousa Santos. Doutorando do Programa de Pós-Colonialismos e Cidadania Global no CES (desde 2011/2012) e Mestre em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (2010). É graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela mesma universidade (2001). Vem atuando há mais de uma década como jornalista (com diversos trabalhos de investigação, reportagem e cobertura, especialmente na área social). No campo acadêmico, trabalha com os temas: interculturalidade e Estado; colonialidade do poder; colonialismo interno; classes sociais e mobilizações étnico-culturais; América Latina. Integra, junto com colegas, o Grupo Autônomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais-GAIEPC (www.gaiepc.wordpress.com).

³ Membro da Comissão Organizadora do Colóquio. Licenciada e mestre em Antropologia Social e Cultural na Universidade de Coimbra e doutoranda em Sociologia no programa de *Pós-Colonialismos e Cidadania Global* no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com o apoio de uma Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É investigadora colaboradora no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e membro do Grupo Autônomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais (GAIEPC).

Oradores e Comunicações

Nº	Nome completo	Email	Título da comunicação	Instituição
128	Fabício Dias da Rocha	fabricao13rocha@gmail.com	<i>“De novo não Vale”. Uma crítica sobre a atuação da mineradora brasileira Vale em Moçambique e o desempenho das mídias de resistência na região.</i>	CES-FEUC
34	Giuseppa Maria Daniel Spenillo	gspenillo@yahoo.com.br	<i>Tempos dos Jovens.</i>	Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
133	Oscar Edgardo N. Escobar	coimbraozkar@gmail.com	<i>Os Desafios do Ensino Universitário no Século XXI.</i>	CEIS20 - UC

Resumos/Abstracts

Proposta 128

Fabício Dias da Rocha⁴

“De novo não Vale”. Uma crítica sobre a atuação da mineradora brasileira Vale em Moçambique e o desempenho das mídias de resistência na região

A independência Moçambicana foi um processo fundamental que representou uma mudança de paradigma ideológico, político e macroeconómico em Moçambique a partir do ano de 1975, e uma propalada ruptura com o antigo sistema de exploração dos recursos naturais e humanos do Estado colonial. A despeito do advento da independência, esta por si só não foi determinante para conter a crise do Estado centralizado no começo dos anos 80, a qual tinha nos seus pressupostos uma crise económica mundial e uma guerra civil como eco da guerra fria. A guerra civil desestruturou gravemente as forças produtivas do Estado fazendo com que nos meados da década, após o colapso do regime socialista moçambicano, o governo fosse “forçado” a adotar o modelo de economia neoliberal e aderir aos Programas de Reajustamento Estrutural (PRE) preconizados pelo FMI e pelo Banco Mundial; o que significou a abertura e desregulação dos mercados e a entrada deste país num “novo” ciclo económico.

Neste trabalho, partimos da hipótese de que a atuação em Moçambique da empresa de

⁴ Doutorando em Pós-colonialismos e Cidadania Global pelo CES-Coimbra; Mestre em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Coimbra (2010); Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará – Brasil (2008). Atualmente desenvolve estudos sobre reconfigurações identitárias de moçambicanos “brancos” em Moçambique, pesquisa ferramentas para exercício de cidadania participativa por populações afetadas por grandes projetos de desenvolvimento e questões relacionadas aos projetos de cooperação Brasil-Moçambique. Em trabalhos anteriores, desenvolveu pesquisa na área das migrações e no estudo da formação de identidades transnacionais em Portugal; na observação do desenvolvimento de estratégias de construção de cadeias produtivas artesanais locais no Perú; e na análise dos elementos que conformam as práticas e rituais de cultos religiosos Amazônicos.

mineração Vale-Moçambique está atualmente a dar continuidade a uma lógica da monocultura da produção capitalista de cunho neoliberal, e a perpetuar, por meio de uma monocultura do saber (Santos, 2006), pelo menos dois tipos de desenraizamentos: o desenraizamento de populações de seus territórios, e o desenraizamento (ou exclusão) dessas mesmas populações dos processos de decisões, e que conforma o exercício de uma cidadania participativa. Ao mesmo tempo, buscamos perceber como as mídias alternativas vêm promovendo o debate público e o exercício de uma participação cidadã. Baseado nos noticiários recorrentes no cotidiano, faz-se necessário notar como a mídia hegemônica aborda essa questão e como promove, em conluio com o poder econômico, formas de silenciamento dos povos atingidos pelos projetos da empresa e sua exclusão no processo decisório.

Palavras-Chave: Cidadania participativa; Moçambique; Mídias alternativas e de resistência; Vale-Moçambique.

Proposta 34

Giuseppa Maria Daniel Spenillo⁵

Tempos dos Jovens

Tempos diferentes. Esta percepção pontuou nossa experiência de inclusão digital com jovens em Limoeiro, no Estado de Pernambuco, nordeste brasileiro. Uma diversidade no uso do tempo, na significação do cotidiano, no sentido temporal das ações entre a metrópole e o interior, entre o litoral e o semiárido e entre o urbano e o rural. Diversidade que vem mesmo de um ponto de vista diverso, diferente e desigual, dados os pontos de partida de quem está no semiárido e quem está no litoral; no urbano e no rural. No entanto, as situações tempos-lugares da vida contemporânea são múltiplas. Encontra-se alguém no semiárido rural e outro no semiárido urbano; um no litoral rural outro no litoral urbano; na metrópole litorânea e na metrópole semiárida. E, até na metrópole litorânea rural ou no interior semiárido urbano.

Temos, então, uma pluralidade de saberes, conhecimentos, experiências que num mesmo tempo – o hoje – compõem os tempos presentes, passados e futuros de nossos jovens, que nos desafiam a dar conta de transformações sociais que permitam viver as multiplicidades de estar no mundo, superando as desigualdades sociais, tecnológicas, culturais. Tais desigualdades diferenciam os lugares e provocam os tempos de cada indivíduo, na busca por condições de participação no imenso e ampliado tempo global, como também nas heranças locais. É nesse sentido que tratamos as dinâmicas de inclusão/exclusão digital de jovens de um mesmo tempo geracional, a partir da experiência no Sítio Jucá em Limoeiro/PE/Brasil. Na presente comunicação, analisamos políticas públicas de inclusão digital promovidas por entes governamentais junto a

⁵ Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura (CPDA/UFRJ). Professora Adjunto 3 do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE. Mestre em Administração Rural e Comunicação Rural (CMARCR/UFRPE). Coordenadora (2008-2013) do Bacharelado em Ciências Sociais/UFRPE. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, direitos, cidadania e mudanças sociais (COMUDI). Docente do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX/UFRPE).

populações jovens de áreas rurais, considerando os tempos e lugares de onde saem as propostas e onde as mesmas são realizadas, na perspectiva de refletir sobre as imbricações entre resistências locais e proposições globais/hegemônicas. Enveredamos, ainda, pelas discussões das identidades e suas formulações/reformulações a partir dos tempos-lugares.

Palavras-Chave: Juventude; Desigualdades; Saberes; Tecnologia; Tempo.

Proposta 133

Oscar Edgardo N. Escobar⁶

Os Desafios do Ensino Universitário no Século XXI

Este trabalho pretende analisar e contextualizar o papel da universidade da América Latina na contemporaneidade, especificamente, no contexto brasileiro. É um estudo preliminar que resgata a trajetória desta instituição milenar, desde a sua origem, Idade Média até a ascensão e configuração do mundo burguês. Tem como objetivo principal (re) construir o papel da universidade em uma perspectiva crítica.

Enquanto projeto de sociedade, a universidade no Brasil não pode ser interpretada, discutida e analisada sem que se tenha presente sua contextualização, sua inserção no contexto mundial da colonização. A universidade no Brasil é um fenômeno recente, se a situamos com o resto de América latina, pois, a colonização espanhola desde seu início, já no século XVI fundava essas instituições nos espaços da colônia, os representantes da colonização portuguesa a proibiram até o século XIX. Expressou ao longo da sua história a manifestação de uma humanidade que procurou construir futuros, ou apagá-los. Desafiou o desconhecimento, os dogmas e arbitrariedades, deslizou a liberdade a novos patamares, foi palco de lutas, contribuiu de forma decisiva para as elites justificarem sua “necessária hegemonia social”, também esteve nas lutas dos povos, apontou formas possíveis para definir o edifício de uma nova sociedade.

No conflito da sua trajetória histórica a universidade passou por inúmeras contradições e arbitrariedades, representantes ilustres perderam a vida pela defesa do livre pensar, pesquisar e vislumbrar a possibilidade desta comportar uma multiplicidade de perspectivas teóricas, o filósofo de Nola, Giordano Bruno, é o exemplo mais ilustrativo, pagou com sua vida tamanha ousadia, Galileu Galilei, aos seus setenta e três anos foi obrigado a negar suas crenças e propostas de uma nova visão de mundo. O que é verdade, talvez, é que hoje a universidade é aquilo que ela é nesta arbitrariedade do percurso histórico.

Palavras-Chave: Universidade; Colonização; Capitalismo.

⁶ Sou professor Assistente da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Leciono nas disciplinas de Sociologia da educação, Sociologia do Direito, entre outras disciplinas. Atualmente estou desenvolvendo um doutoramento em Estudos Contemporâneos, a pesquisa esta orientada para a educação, especificamente o ensino superior no Estado do Paraná (Brasil).